

## O caráter universal das personagens em Dostoiévski

Andreia A Pantano

Mestre em Filosofia - UNESP

Professora da Universidade Paulista

### Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar como o escritor russo Dostoiévski abusa da liberdade e da universalidade ao construir suas personagens em *Memórias do Subsolo* (1864) e *Bobók* (1873). A personagem em Dostoiévski tem em si certa independência em relação ao criador, no entanto, como lembra Bakhtin, isto não significa que ela escapa do plano do autor. Nossa intenção é destacar como ao compor suas personagens especificamente nessas obras, Dostoiévski o fez de forma inovadora no cenário europeu do século XIX, uma vez que suas personagens não são totalmente descritas, não estão fechadas, pois o seu *herói* é aquele que está construindo seu diálogo. Embora esta pesquisa ainda esteja em desenvolvimento é possível dizer que o caráter aberto da personalidade de suas personagens, revela que este homem está por fazer-se.

**Palavras-chave:** Criação; Personagem; Liberdade.

**“Na terra é impossível viver e não mentir,**

**pois vida e mentira são sinônimos;**

**mas, com o intuito de rir, aqui não vamos mentir”.**

**(Dostoiévski)**

Este trabalho pretende analisar o processo de composição de algumas personagens do escritor russo Dostoiévski. Para tanto, escolhemos as seguintes obras: *Memórias do Subsolo* (1864) e *Bobók* (1873), pois a análise dos heróis destas obras pode ser muito frutífera para compreendermos seu processo de criação estruturado nas inúmeras vozes de suas personagens.

Em *Memórias do subsolo* Dostoiévski descreve um homem preocupado com o olhar do outro, uma preocupação constante nesta história. O herói da novela demonstra certo incômodo com o que irão dizer ou pensar sobre si, inquietação que reflete a angústia da personagem que se vê só e miserável. Miserável em termos econômicos, mas que tem a grandeza de seu intelecto antecipada em vários momentos. Trata-se de uma personagem nobre e diabólica, características que tornam perceptível certa dubiedade na índole desta personagem anônima, o autor não criou um nome para ela. O caráter anônimo demonstra a universalidade do autor, pois esse homem não é um ser específico determinado, mas pode-se pensar em vários homens, isto é, no universal. Porém, é mister salientar que as personagens de Dostoiévski não apresentam características fixas ou específicas, como lembra Bakhtin:

A personagem não interessa a Dostoiévski como um fenômeno da realidade, dotado de traços típico-sociais e caracterológico-individuais definidos e rígidos, como imagem determinada, formada de traços monossignificativos e objetivos que, no seu conjunto, respondem à pergunta: quem é ele? A personagem interessa a Dostoiévski enquanto ponto de vista específico sobre o mundo e sobre si mesma, enquanto posição racional e valorativa do homem em relação a si mesmo e à realidade circundante. O importante para Dostoiévski não é o que sua personagem é no mundo, mas acima de tudo, o que o mundo é para a personagem e o que ela é para si mesma (BAKHTIN, 1981, p 39).

Novela publicada em 1864, com traços estilísticos confessionais, que é um dos procedimentos do autor na sua composição, pois é assim que é declarada a verdade interna deste homem. A autoconsciência presente em seus personagens e a tragicidade que percorre a história de cada um de seus heróis revelam a preocupação do autor com a alma humana. Tal preocupação consiste em criar uma narrativa que abarque o universo humano, ou melhor, a psique humana. De acordo com a presente leitura, Dostoiévski não só inovou no estilo literário e no modelo artístico ao criar o romance polifônico como descrito por Bakhtin, mas retratou dialeticamente a personalidade humana.

Se Dostoiévski é considerado geralmente como romancista-filósofo por excelência, *Memórias do subsolo* é o escrito em que isto se manifesta de modo particularmente intenso. Toda a dramaticidade e força emocional do texto, toda a introspecção verrumante de seu personagem, estão intimamente ligados à concepção central, como poucas vezes aconteceu em toda a literatura (SCHNAIDERMAN, 2003, p.7).

Este anti-herói muito bem inventado pelo nosso autor coloca e discute questões, interpelando e dialogando sobre aquelas que refletem uma alma não exatamente atormentada, mas uma alma (uma consciência) que, embora pareça indiferente, traz à tona as experiências mais instigantes. Tal personagem busca em si o mais inumano possível para talvez revelar aquilo que há de mais humano no homem, sua baixeza, sua vileza, sua torpeza e principalmente a consciência da sua própria condição. Essa consciência aparece no texto em várias ocasiões, no entanto, o fato de o anti-herói ter consciência não torna sua vida leve, pelo contrário. “Quanto mais consciência eu tinha do bem e de tudo o que é belo e sublime, tanto mais me afundava em meu lodo, e tanto mais capaz me tornava de imergir nele por completo” (DOSTOIÉVSKI, 2003, p19).

Embora a consciência, essa voz que não se cala, seja um tormento, um martelo sempre a bater em sua alma, segundo o narrador desta memória, ainda assim é preferível tê-la. Mesmo com toda angústia que causa, ainda assim o homem não a recusará.

A autoconsciência e a liberdade da personagem são traçadas de tal forma que revelam o quanto este autor quis fugir de padrões estéticos composicionais fechados, pois o homem, que é apresentado pelo autor, não se encerra em limites, ou seja, é possível ter uma interpretação acerca do que é humano. Em seus textos há certo desconforto, ou seja, sua leitura causa uma inquietação no leitor, pois o desenrolar da trama e as próprias personagens carregam em si uma força, e porque não dizer uma docilidade ou até mesmo tragicidade perturbadora, uma vez que o leitor não está preparado nem pronto para atitudes que escapam, e fogem ao comum.

A fim de revelar o quanto a personagem possui consciência e quanto o homem é livre, Dostoiévski inventa uma personagem, ou melhor, narra a autoconsciência de um homem extremamente crítico, esse é o caso do anti-herói de *Memórias do subsolo* e de outros escritos. Além, é claro, de possuir uma forma estética singular que revela essas mesmas questões humanas.

Em Dostoiévski, a figura do homem é apresentada por suas personagens, que não são totalmente descritas, não estão fechadas, pois o seu *herói* é aquele que está construindo seu diálogo, daí o caráter aberto de sua personalidade, este homem está por fazer-se. Dessa forma, o autor irá aparecer dialogando com o herói. Tal característica em

Dostoiévski reflete a forma de composição de sua obra artística como romance dialógico<sup>1</sup>. O romance dialógico é descrito por Bakhtin como aquele que possibilita uma ligação entre as várias consciências.

Com um estilo realista, o qual perturbou a crítica da época justamente por se tratar de uma obra aberta, ou seja, uma criação artística que não está fadada ao determinismo, Dostoiévski não fecha a possibilidade humana de aventurar-se com outras consciências uma vez que, ao criar suas personagens não as constrói de forma fechada, deixando assim a porta aberta para o diálogo entre autor, narrador e personagem. Fiodor Dostoiévski abre o campo tanto para o novo em matéria de literatura como instiga à interpretação, isto é, esse autor percebe o homem como um sujeito em construção, um homem que ainda está por fazer, daí o caráter aberto de sua obra.

No conto *Bobók* (1873), Dostoiévski inova no campo estético. Além de deliciar seu leitor com uma narrativa que percorre o fantástico, pois ao tratar do real o autor bebe na fonte do fantástico, e, por sua vez, ao relatar tal história, busca uma forma que reserva a interpretação para o leitor, já que permanece a dúvida a respeito do diálogo com os mortos, se realmente aconteceu, ou foi apenas um sonho, como salienta Paulo Bezerra em sua análise do conto (BEZERRA, 2005). Reconhecido como o criador do autor-narrador, a forma de sua escrita busca marcar o estilo do autor, além de lançar uma crítica à forma literária tradicional da época. Dostoiévski percebeu que sua matéria literária requeria uma outra forma de colocação, assim em seus textos matéria e forma são tratados com outra substância, outro olhar, ou seja, não é possível analisar ou interpretar sua obra procurando limites ou o olhar do autor.

Quem é o autor? Este irá aparecer no texto, no entanto, às vezes escapa, principalmente se seguirmos certos padrões estéticos tradicionais. Torna-se necessário entender que esse autor possui um estilo, que foge às regras convencionais estéticas da época. Em *Bobók*, também irá aparecer a preocupação com a verdade, o questionamento sobre ela aparece na fala de uma das personagens. “Na terra é impossível viver e não mentir, pois vida e mentira são sinônimos; mas com o intuito de rir, aqui não vamos mentir”. (DOSTOIÉVSKI, 2005, p.35).

As personagens em Dostoiévski têm em si um caráter livre permitindo que se vislumbre uma criação aberta. Nas palavras de Bakhtin: “a consciência do herói é dada

---

<sup>1</sup> Para uma melhor compreensão sobre o romance dialógico conferir o capítulo I: O romance polifônico de Dostoiévski e seu enfoque na crítica literária da obra: *Problemas da Poética de Dostoiévski* de Mikhail Bakhtin.

como outra, a consciência do outro, mas ao mesmo tempo não se objetifica, não se fecha, não se torna mero objeto da consciência do autor” (BAKHTIN, 1981, p.3). Suas personagens são livres, assim as criações artísticas em Dostoiévski vão além da simples colocação do problema, pois a estrutura de seus romances, como por exemplo, *O Idiota* (1868), revela a individualidade, a qual escapa do habitual, do que seria comum, e é dado em suas obras um outro caráter que expõe suas personagens de forma nua e *crua*, o que pode causar estranheza ao leitor. A personagem em Dostoiévski tem em si uma relativa independência em relação ao criador, no entanto, como lembra Bakhtin, isto não significa que ela escapa do plano do autor.

Dostoiévski ao descrever suas personagens questiona valores morais propondo de certa forma sua superação, basta pensar o quanto o Homem do subsolo é perturbador, ou ainda, o fracasso e as inquietações diante da própria existência do Homem em *Um sonho do homem ridículo* (1867) ou ainda Raskólnikov, personagem de *Crime e Castigo* (1866).

Assim como a liberdade e a verdade são temas presentes em seus textos, a autoconsciência do homem narrada na obra de Dostoiévski é uma característica presente em várias de suas obras. Ao mesmo tempo em que tal autoconsciência critica o racionalismo, também é capaz de revelar um homem em construção, um homem profundamente incomodado. Vale ressaltar que tal incômodo em algumas de suas personagens surge como certa indiferença, um genuíno niilismo, por exemplo, Kirílov (personagem de *Os Demônios*, 1872). “Sou terrivelmente infeliz porque sinto um terrível medo. O medo é a maldição do homem. Mas proclamo o meu arbítrio e sou obrigado a crer que não creio” (DOSTOIÉVSKI, 2005, p.599). Essa mesma personagem irá proclamar “que todo o planeta é uma mentira”, ou seja, o homem vive acreditando em mentiras. Dostoiévski ultrapassou toda a literatura romanesca. Pode-se dizer, então, que sua obra não só inovou estilisticamente, ao criar o romance polifônico, mas que, como argumenta Bakhtin “(...) ele criou uma espécie de novo modelo artístico do mundo (...)” (BAKHTIN, 1981, p.1).

## Referências

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed.: Forense-Universitária, 1981.

BEZERRA, P. No reino da menipéia e do fantástico. In: DOSTOIÉVSKI. F. M. *Bobók*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2005, p. 109 – 163.

DOSTOIÉVSKI. F. M. *Crime e Castigo*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2001.

\_\_\_\_\_ *Memórias do Subsolo*. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2000.

\_\_\_\_\_ *O Idiota*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002.

\_\_\_\_\_ *Bobók*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2005.

\_\_\_\_\_ *O sonho de um homem ridículo*. São Paulo: Editora 34, 2003.

\_\_\_\_\_ *Os Irmãos Karamázov* Trad. Natália Nunes e Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1971.

\_\_\_\_\_ *Os Demônios*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo. Editora 34, 2004.

SCHNAIDERMAN, B. Prefácio. In: DOSTOIÉVSKI. F. M. *Memórias do Subsolo*. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 7 – 12.